

Derrota no 1º turno encerra era Brizola

J.V. Trindade — 12/5/80

UPI — 23-9-77

Quando as televisões anunciaram, às 15h40 de ontem, o boletim oficial do Tribunal Superior Eleitoral, dando o candidato do PT, Luís Inácio da Silva Lula, na segunda colocação do primeiro turno das eleições presidenciais, terminava uma era no país. Foram pelo menos três décadas em que a vida política nacional foi polarizada pelo mito que se criou em torno da figura do engenheiro Leonel Brizola, durante um período em que foi governador do Rio Grande do Sul, exilado e governador do Rio de Janeiro. Brizola continua sendo um fenômeno político. Mas, agora, só de âmbito regional, confinado aos estados que governou.

A legenda do Brizola incendiário começou a ser construída em 1958, com a desapropriação das subsidiárias das multinacionais Bond and Share e ITT no Rio Grande do Sul, quando seus principais adversários da campanha deste ano, Luís Inácio da Silva e Fernando Collor de Mello, tinham apenas 9 e 13 anos. As desapropriações somadas a sua posição em 1961, quando frustrou o golpe militar que pretendia impedir a posse de seu cunhado, o vice-presidente João Goulart, o lançaram definitivamente na cena nacional.

Especial — O golpe militar acabaria por enriquecer e inflar essa imagem. Na manhã do dia 16 de abril de 1964, menos de 24 horas após a sua posse na Presidência da República, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco chamou o tenente-coronel Milton Câmara Sena, seu amigo pessoal, e o designou para uma missão especial: acompanhar todos os passos de Leonel Brizola no Uruguai, onde o ex-governador gaúcho, cassado como deputado federal mais votado do antigo estado da Guanabara, cumpriu 13 anos do seu exílio.

Com o tenente-coronel Milton Câmara Sena, o regime de exceção instalado com a revolução militar de 31 de março de 1964, inaugurava uma espécie de *síndrome antibrizolista* que levou o país a fazer do atual líder pedetista, o pretexto maior de todos os atrasos da reabertura do processo democrático, que Castello, em seu discurso de posse, prometera "para breve". Essa síndrome — cunhada e bem explorada pelos setores militares — durou até a oficialização pelo TSE, na metade da tarde de ontem, da passagem de Fernando Collor de Mello (40 anos) e Luís Inácio Lula da Silva (44 anos) para o segundo turno da eleição presidencial.

Um importante político que integrou o governo do presidente Ernesto Geisel garante que Brizola foi o grande pretexto para o alargamento do tempo de duração do regime militar. Segundo o mesmo informante, os relatórios do tenente-coronel Milton Câmara Sena cifrados para o presidente da República e para o ministro do Exército, Costa e Silva, nos idos de abril de 1964, serviram para sepultar a idéia dos principais líderes militares de devolverem o poder aos civis no fim do mandato indireto de Castello, dia 15 de março de 1967.

O tenente-coronel Sena acompanhava Brizola a toda parte e tinha sempre um homem da sua equipe pronto a seguir o ex-governador gaúcho, mesmo se durante um almoço ou jantar em restaurante de Montevideu, ele resolvesse levantar da mesa para ir ao banheiro. No fim do governo de Castello, Sena



Moniz Bandeira recebe o casal Brizola para o exílio nos Estados Unidos

Aguinaldo Ramos — 7/11/82

Almyr Veiga — 2/10/85



Aborrecido com a perda da sigla, Brizola rasgou papel com nome do PTB

retornou ao Brasil. Mas os adidos militares das Embaixadas de Montevideu (de abril de 1964 a 22 de setembro de 1977), de Nova Iorque (de 22 de setembro de 1977 a 23 de janeiro de 1978) e de Lisboa (de 23 de janeiro de 1978 até 5 de setembro de 1979) encarregaram-se de alimentar a *síndrome antibrizolista* com seus relatórios e informes.

Obstáculo — A própria lei da anistia, sancionada pelo presidente João Figueiredo, no dia 28 de agosto de 1979, sofreu marchas e contramarchas, porque influentes lideranças militares batiam o pé e não aceitavam a inclusão dos comunistas e de Brizola na lista de políticos que deveriam receber o perdão do regime de exceção. Figueiredo venceu, no entanto, a chamada *linha dura*, e ganhou a gratidão do ex-governador do Rio Grande do Sul.

Mas a primeira grande sinalização do sistema quanto à continuidade da síndrome viria do próprio governo Figueiredo: o impedimento, graças às artimanhas do general Golbery do Couto e Silva, para Brizola reativar a sigla PTB. Com influência no TSE, Golbery conseguiu, no dia 12 de maio de 1980, que a sigla ficasse com Ivete Vargas, que havia iniciado uma disputa feroz com Brizola pelo espólio petebista.

Em instâncias diferentes da Justiça Militar dormiram, ainda, até a anistia, cerca de 20 processos contra Brizola. Hoje, ministros de diferentes governos militares que se sucederam no poder, de 64 a 85, afirmam que a *síndrome antibrizolista*, como obstáculo ao fim do regime de exceção, foi maior do que a própria ação da esquerda que saiu para a luta armada em 1968.

Casuísmos — O voto vinculado, que vigo-

rou na eleição de 1982, tinha por objetivo evitar a vitória de Brizola para o governo do Estado do Rio, que ele disputou à frente do modesto PDT, um partido de ocasião que formou após a perda do PTB para Ivete Vargas. Brizola desmoralizou o casuísmo e ganhou a eleição.

Na eleição de 1986, a sublegenda para o Senado foi mantida para prejudicar o PDT no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde ele poderia conquistar, pelo menos, uma das duas cadeiras que estiveram em jogo, em cada um dos dois estados. A eleição de agora, para presidente, também só foi solteira, para evitar, nas contas de chegar que os líderes do PMDB e do PFL fizeram, que Brizola criasse, pais afora, fortes quadros políticos.

Os dois turnos da eleição que o país vive, no momento, também foram lastreados na dúvida de políticos e militares sobre o verdadeiro capital político de Brizola. Como para maioria — que acabou errando —, o candidato do PDT faturaria a eleição, se ela fosse em um turno só, criaram os dois com a exigência da maioria absoluta.

A síndrome acaba e começa uma nova era com os últimos militares que influíram no processo eleitoral em torcida, dedos em figa, contra Brizola. O ex-presidente Ernesto Geisel foi um deles. A amigos comuns, que acreditava com acesso a projeções sérias e definitivas, Geisel vinha recorrendo desde sexta-feira à noite para saber se Brizola era mesmo uma carta fora do baralho da sucessão.

Um amigo procurou alertar Geisel de que Lula poderia ser pior do que Brizola para os interesses conservadores de alguns importantes grupos de militares e civis que participaram de 64. Mas Geisel, garante esse seu interlocutor, não concordou com a advertência, e foi taxativo: nada é pior.

Marco Antônio Teixeira — 4/9/88



No Rio, em 1982, Brizola reunia sempre, aonde ia, grandes multidões



Com Saturnino, a vitória de 85

Almyr Veiga — 8/10/86



Em 1988, com D'Ávila (E) e Marcello (D), Brizola ganha de novo